

5 Conclusão

D. Inês tomou conta das nossas almas. Liberta-se do casulo carnal, transforma-se em luz, em labaredas, em nascente viva. Entra nas vozes, nos lugares. Nada é tão incorruptível como a sua morte.

(Herberto Helder, “Teorema”)

Denis de Rougemont diz que “determinadas realidades humanas que sentimos ou pressentimos como fundamentais estão fora do alcance da crítica. O mito exprime essas realidades, na medida em que nosso instinto o exige”¹⁰⁷. Ao iniciarmos o nosso estudo, tomamos como ponto de partida a discussão de aspectos histórico-culturais da “mitologia da saudade”, advinda do episódio inesiano. Lenda ou História, pouco importou qual a mais verdadeira. Importou-nos entender que o Mito se impõe à História, em um processo de transformação e permanência, marcas de sua intemporalidade. Ao identificar-se com a Lenda, torna-se indestrutível. Talvez por isso, o caráter trágico da história de Inês de Castro seja fonte para a construção discursiva – literária e artística – dando origem a múltiplas interpretações, a múltiplas recriações.

A trágica história de Inês de Castro e D. Pedro tem sido, pois, fonte de inspiração para diversas manifestações artísticas. Daí encontrarmos, em todas as épocas e em diferentes línguas, libretos de óperas, peças de teatro, guiões cinematográficos, pinturas, esculturas, composições líricas, romances, canções, enfim, diversas manifestações de Arte que tomam como referência esta trágica história de amor e morte, de tal maneira que – destaca Maria Leonor Machado de Sousa:

Tanto para a História quanto para a Literatura – numa palavra, para a tradição – a verdade é que o episódio de Inês de Castro é algo que mais de seis séculos não conseguiram ainda esgotar, e nessa medida se justifica que sobre ele se continue a pensar e a escrever.¹⁰⁸

¹⁰⁷ ROUGEMONT, Denis de. *História do Amor no Ocidente*. 2. ed. reform. São Paulo: Ediouro, 2003, p. 31.

¹⁰⁸ SOUSA, Maria Leonor Machado de. *Inês de Castro: um tema português na Europa*. Lisboa: Edições 70, 1987, p. 434.

Inês não está morta, como não está morto o amor. Os amores vividos, as lágrimas choradas encontraram eco nos tempos idos. Eco, aliás, tão forte que ainda hoje podemos ouvi-lo. Já não há mais como apagar Inês da memória da cultura e da História portuguesa. Na metafórica condição de relicário, é a guardiã da *saudade*, reafirmando-se em cada época, pelas manifestações artísticas que tanto lhe tiram do sossego.

Em nosso trabalho, detivemo-nos na lírica portuguesa, destacando os seus nomes mais expressivos – dos quais tomamos Garcia de Resende e Camões como grandes mestres – que buscavam focalizar um particular aspecto: a simbologia da *Saudade*. Inserimos nesse contexto António Patrício, cuja peça *Pedro, o Cru* é símbolo máximo da assunção de Portugal a um reino que ultrapassa os limites do plano físico, alcançando o plano espiritualizado da Saudade. Abrimos espaço para algumas considerações sobre a projeção internacional deste episódio português. E por que não optar pela Literatura Brasileira?

Outras obras pretendemos estudar em um passo posterior de nossa pesquisa, que desde já anunciamos longa. António Ferreira (*Castro*), Agustina Bessa-Luís (*Adivinhas de Pedro e Inês*), Rosa Lobato de Faria (*A trança de Inês*), António Cândido Franco (*Memória de Inês de Castro e A rainha morta e o rei saudade*), Fiamma Hasse Pais Brandão (*Noites de Inês-Constança*) são alguns dos nomes que destacamos. Estamos, portanto, longe de esgotar um tema que se quer inesgotável. Fica aqui o nosso desejo de que as leituras que propusemos possam instigar outras. E que as possíveis lacunas não sejam muitas.

Calamo-nos, enfim. Não porque não temos mais nada a dizer, mas por preferirmos ficar como em uma prece silenciosa, com todos os sentidos conectados ao que há de mais divino no mundo, no Homem. E no Silêncio de nossa oração, talvez ouçamos as Filhas do Mondego entoarem hinos de amor em memória da “mísera e mesquinha”, que “por memória eterna, em fonte pura, / As lágrimas choradas transformaram”. Quem sabe até nos seja permitido beber destas águas que são a origem de toda a nossa poesia. Portugal é uma fonte de Saudade. E Inês tomou conta de nossas almas.